



Boletim Informativo da Casa do Artista

Editorial

Volume XVII, Edição II

Junho de 2017

Reviver os Santos Populares



Nesta edição:

Ó meu rico Santo António	2
Os 3 Santos Populares	3
Grande Marcha de Lisboa 2017	4
Quadras Populares	6
Tributo a Aida Baptista	8
Oh meu rico S. João	11
Saudades	12
As Marchas Populares em Lisboa	13
Quem te viu e que te vê	15

Foi com enorme prazer, que participei com e a convite da minha amiga e colega Io Appolloni, no passado dia 19 de Maio num Recital de Poesia na Casa do Artista.

Foram momentos únicos, desde a chegada em que fomos recebidos com carinho e simpatia pelo anfitrião Ricardo Madeira que nos mostrou a mim e à minha irmã (*que me acompanhou*) algumas das salas da Casa cheia de fotos, caricaturas, memórias e recordações de muitos que deram parte das suas vidas... cheias de fantasias e glamour a tantos de nós..., entretanto almoçamos muito bem... com alguns amigos e revimos sobretudo no refeitório outros tantos colegas e amigos como a Sónia Fernandes, a Adelaide João (Lai-Lai), a Graça Lobo, a Mariema, a Laura Soveral, a Conceição Carvalho, o Fernando Midões, a Argentina Santos, a Maria Candal entre outros... e às 15h em ponto deu-se início na sala Beatriz Costa ao recital anunciado, em que eu e a Io Appolloni fomos muito bem acompanhados à viola pelo músico residente o Pedro Machado.

Sem dúvidas um Recital cheio de grandes afectos e emoções... em que e no meu caso a minha voz foi “traída” algumas vezes pela emoção... quando por exemplo dediquei um dos meus poemas à minha querida amiga e residente Sónia Fernandes... e outro poema a todos os presentes numa forma geral... para além de ter lido ainda mais três poemas da minha autoria intercalados com algumas palavras com aquele público tão atencioso e generoso.

Agradeço publicamente aqui e agora (*para além de já o ter feito pessoalmente*) à minha amiga Io pelo convite e ao Ricardo por nos ter acolhido tão bem... assim como a seis amigas minhas que vieram assistir e apoiar-nos nesta tão louvável iniciativa da Casa do Artista... para a qual aproveito desde já para dar os meus sinceros parabéns!

Só, não fiz uma coisa..., mas prometo que o vou fazer muito em breve (*na minha próxima visita*)... que é tornar-me sócio da Casa do Artista, que merece todo o meu/nosso apoio...! Obrigado!

Sempre, que precisarem de mim e que eu esteja disponível podem contar comigo...!

Beijos & Abraços!

Do vosso amigo e colega,

Amândio de Sousa

Ó meu rico Santo António
Meu santo casamenteiro
Arranja-me um namorado
Nem que tenha pouco dinheiro

No arraial em Alfama
Com meu namorado dancei
Deu-me um lindo manjerico
Mas que amor eu arranjei

S. João a todos encantas
No Porto és o primeiro
Sempre com lindas cascatas
Ó meu Santo padroeiro

Nossos Santos Populares
Muita alegria nos dão
Gosto de brincar nestes dias
Com vocês no coração

Fontainhas tem muita raça
É autêntica com muita alegria
Lançar balões em frente ao rio
Alho-porro já não tem quem diria!

Autora: Maria Candal



Fotografia de Ricardo Madeira



Os 3 Santos Populares

Santo António é o primeiro
São João vem a seguir
São Pedro é o terceiro
E desatam os três a rir

Sto. António, casamenteiro
São João só as namora
Mas São Pedro é o primeiro
E depois manda-as embora

E os tempos vão passando
Já há filhos, netos, bisnetos
Nas marchas vão-se integrando
E há quem já pense em “trinetos”

Nos bairros é uma alegria
Todos no mesmo pensando
E o viveiro continua
A dar frutos, marchando

Grande Marcha de Lisboa 2017

Lisboa, Mar de Encontros

Autor da letra: Flávio Gil

Autor da música: Carlos Dionísio

Lisboa, tens agora em cada rua
Retratos que nos falam do passado
E tens, do mar, a herança que é só tua
Escutar em novas línguas, novo fado
Lisboa que desenhaste no mar
Um mundo todo inteiro por sonhar
Tens em cada estendal que se amontoa
Mais um sorriso por te ver, Lisboa

Lisboa

Viste partir caravelas
Buscando terras mais belas
Mais riqueza e outras gentes

Agora

Vês chegar dessas paragens
Filhos das tuas viagens
A falar línguas diferentes

Lisboa

Que saías para a rua
- quando ainda se via a Lua –
Com pregões cheios de fama

Agora

Esqueceste o cesto das flores
Perfumada pelos odores
Da Índia que era do Gama

Lisboa

Que te perdeste no mar
Nele é que foste encontrar
Tua história que deu brado

Lisboa

Essa história em que te alongas
E hoje te canta milongas
Que não esquecem o passado

Lisboa

Que já não vendes limões
Mas não esqueces as paixões
Que nos trouxeste do mar

Lisboa

Hoje gostas de muamba
E até já cantas o samba
Numa marcha popular

Poema retirado do suplemento “Festaslisboa’17” da
EGEAC.

Colabore com a nova edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.

Contamos consigo!

Sto. António franciscano
Meu santinho de eleição
Vê se não vai ao engano
O meu pobre coração

Sto. António com devoção
Eu te peço com fervor
Que nunca nos falte o pão
A paz, a saúde e o amor

Na noite de Sto. António
Ofereci-te um manjerico
Dançamos ao som do harmónio
E assim começou o namorico

Cravos, arquinhos e balões
Com manjericos ao luar
Haja amor nos corações
Para o Sto. António festejar

Autora: Mariema

Santo António milagreiro
Que bonito que ele é
Não dá resposta em dinheiro
Mas às moças o seu Zé

Autora: Nilza Moreno

Santo António milagreiro
Que aos peixes ousou pregar
Faz-me chegar o dinheiro
P'ra minhas contas pagar

São João, João Baptista
Este santo atraído
Que longe de qualquer pista
Assim ele foi degolado

São Pedro que fecha o trio
Com a chave do paraíso
E com amor e com brio
E com tudo que é preciso.

Autora: Isabel Magro

“Aquele que lê
muito e anda mui-
to, vê muito; sabe
muito.”

Miguel Cervantes

Obrigado Auxiliares

Já cá estou há muito ano
Já cá estou a muito mês
O nosso Osvaldo é Cubano
E Carlas já temos três

Hoje não vou falar mais
Adélia nome amoroso
São Lomba e Ana Reais
E mais a Sandra Barroso

Vou levantar minha voz
Pois é este o meu trabalho
É africana a Queiróz
Mais a Luisa Carvalho

São Coelho não vás nessa
É uma quadra verdadeira
Com a Beta e a Vanessa
Ana Maria Oliveira

Vamos lá deixar de lérias
Acreditem nesta rima
Não esqueci, estava de férias
A minha linda Cristina

Não sou homem de quezílias
Cada um segue seus trilhos
Sou amigo das famílias
Conheço netos e filhos

Estou só no Mundo também
Destino que Deus me deu
Já perdi a querida Mãe
Não tenho ninguém; sou só eu

É este o nosso fadário
Vamos lá tomar café
Chega a Dulce com a Rosário
Bom dia Ângela Tomé

Sol que a roupa não creste
Com desejos de momento
D. Irina veio de Leste
E a Fátima de S. Bento

Mariana está doente
Está em casa quem diria
Esta gente é boa gente
Dois filhos tem a Sofia

Vai-me levar a almoçar
Tudo gente bem-falante
A Alice veio-me buscar
E a Guida muito elegante

Estão com actores e fadistas
Lidam com gente da arte
São amigos dos artistas
Trabalham cá na Apoiarte

Quase dois anos doente
Foi ela que me disse
De apelido Vicente
Seu nome próprio é Alice

Que povo é este que povo
Eu sou uma ave rara
A menina está cá de novo
E tem o nome de Sara

Tenho aqui algum passado
É este o meu cantinho
Auxiliares obrigado
Bem-Hajam: Júlio Coutinho

Autor: Júlio Coutinho

Tributo a Aida Baptista

Não sei porquê mas não era nossa Sócia. Morreu há pouco tempo, ainda não tinha 80 anos. Morava no Bairro do Rêgo e saiu da Igreja de Fátima.

Estava reformada e retirada do Teatro. Foi uma grande vedeta de revista. Tinha um corpo muito lindo e uns olhos muito bonitos de cor violeta. Trabalhou com grandes nomes do Teatro e nos quatro Teatros do Parque Mayer, Coliseu, Avenida e Monumental. No Porto esteve no Sá da Bandeira, Rivoli e Coliseu do Porto. Apenas nos deixou uma peça na Televisão. E ao lado dos grandes Lucinda Simões e Vasco Santana. Fez um filme “O Costa de África”. Foi casada aos 16 anos, com Toni de Matos de 19. Casou depois com o jogador do Sporting Vasques e mais tarde casou pela terceira vez com um industrial de nome José de Vasconcelos, de quem ficou viúva. Chamava-se Aida da Cruz Baptista de Vasconcelos e nasceu em Campo de Ourique, na Rua do Possolo ao lado dos Combatentes onde se estreou como actriz no teatro amador com Toni de Matos, Maria Clara e Alexandre Rainho. Com 18 anos veio para o Parque Mayer, para o Maria Vitória onde fez a sua estreia como actriz profissional, já como primeira figura na revista “Salada de Alface”. Tendo com 14 anos trabalhado nas oficinas da Livraria Bertrand no Chiado como aprendiz de encadernação e aos 16 anos foi arrumadora no Cinema Paris na Estrela. Cantava muito bem e deixou 2 discos gravados. Adorava cães e negociava caniches cinzentos e brancos à sociedade com Madalena Sotto e Mira Costa, ainda viva.

Durante quase quatro anos vivi na casa dela na Estrada de Benfica, em frente ao Ferro de Engomar. Ela estava como vedeta na sua última revista no Monumental “Lisboa acordou”, ao lado de Milú, Carlos Coelho, Victor Norte, Delfina Cruz e Helena Tavares, entre muitos outros e eu estive durante três anos no “FROU-FROU” do Sérgio de Azevedo. Adorei viver em casa da Aida, ria muito, fui lá muito feliz.

Ela era uma mulher com muita graça, uma cómica nata. Muito asseada e uma grande cozinheira.

Pelas duas da manhã acabava a revista da Aida, ela ia no seu descapotável vermelho do Saldanha até ao Café-Concerto, no fim do Campo Grande, onde eu estava a trabalhar e ainda me via atuar no segundo espetáculo às 3:30 horas da madrugada. Depois no “FROU-FROU” ceavamos, às vezes íamos à pista dançar, e de seguida lá íamos para casa felizes, para irmos dormir.



Eu e a Baptista, era assim que por graça, a chamava. Que saudades desses tempos.

Não sei se por influência do seu segundo casamento com o jogador de futebol Vasques, a nossa Aida adorava desporto, jogava bem à bola e fez alguns ralis com a colega Natalina José, felizmente ainda viva, pois ambas conduziam bem automóvel. Por duas vezes a Aida foi madrinha da Volta a Portugal em Bicicleta.

Autor: Júlio Coutinho



(Imagem: atriz Aida Baptista)

Santo António é meu pai
São Francisco é meu irmão
Os anjos são meus parentes
Mas que linda geração

Amorinda Matos

Tributo a Deolinda Rodrigues

Deolinda Rodrigues Veloso, conhecida nas lides fadistas por Didi. Nasceu em Lisboa no Bairro da Quinta da Calçada no pitoresco bairro de Palma de Baixo, para os lados do Campo Grande, um sítio onde a malta lisboeta levava o farnel e iam as famílias no Verão almoçar e passar o dia na Quinta de S. Vicente. Hoje é o elegante bairro de Telheiras, aqui bem perto de nós. O pai era sapateiro e a mãe doméstica, ela ajudava o pai como ajuntadeira de calçado, tinha uma irmã a Eduarda. A nossa Amália por graça chamava-lhe irmã e Rodrigues. Eram muito amigas. A Didi fez cinema, revistas e operetas. Cantou no estrangeiro, e pela mão do nosso Pedro Machado foi com Dário de Barros cantar à Venezuela. Gravou discos e cantou em muitas casas típicas de Lisboa e Porto.

Fez três casamentos, o primeiro era advogado, pai da única filha Maria Manuel que vive no Algarve e tem um neto chamado Jorge, que pertence aos bombeiros de Portimão; o segundo casamento foi com o engenheiro Bastos e o terceiro foi com o jogador de futebol do Atlético de Alcântara. Na altura, tinha ela 51 anos e ele 19 anos. O casamento durou 11 anos, ele ainda hoje é vivo, tem 58 anos, tornou a casar e vive no Canadá. É treinador do desporto Rei. Chama-se João Carlos. A Didi, Deolinda Rodrigues além de boa fadista também foi atriz, fez quatro filmes, foi a criadora do fado Madragoa que a celebrizou. Foi algumas vezes madrinha das Marchas de Alcântara e Madragoa.

Cantou na Viela, Painel, Luso, Lar Português e Páteo Andaluz, etc.

Deolinda Rodrigues fez algumas digressões a África, atuando para as Forças Armadas Portuguesas.

Foi condecorada pelo então Presidente da República Aníbal Cavaco Silva. Viveu aqui os últimos anos da sua vida. Éramos muito amigos. Descansa em Paz Didi. Adeus grande Deolinda Rodrigues.

Autor: Júlio Coutinho



Oh meu rico S. João
 Leva-me ao céu dos pardais
 Com manjerico na mão
 Para ir dançar aos arraiais

Fui de manhã ao campo
 Para apanhar flores, mimosas
 Mas para meu espanto
 Só encontrei lindas rosas

Na noite de S. João
 Gostava de ir as Fontainhas
 De alho-porro na mão
 Que grande saudades minhas!

Aqui está Ricardo meu amigão
 Estas quadras, sem jeito
 Feitas à pressão
 Mas saídas do meu peito

Autora: Linita Marques

Eu, vagabundo de peito aberto
 Por estradas do meu país
 Amei o inteligente, não o esperto
 Dividi por dois tudo o que ouvi...

Ao esperto contei anedotas
 Apertei a mão por circunstância
 Porque sentia nas minhas costas
 Hipocrisia, vaidade e ignorância

Outro sim, comi e bebi a esmo
 Por muitos tascos do meu país
 Com amigos de melhor mente

Porque sentia dentro de mim mesmo
 Que tínhamos a mesma raiz
 Já florida antes de ser gente! ...

Autor: Joaquim Samora



Sudoku

		7	1	8	9			2
	5	6	.				7	1
		1	6					9
2								
		8			1			5
1	7				2	4	6	
5					4	9		
7	1							
4		2	3		5			7

Saudades

Lisboa quantas saudades
 quando de ti do passado
 quando saía à noitinha
 contigo de braço dado.
 Ia ao cais ver as gaiivotas
 e os barcos a chegar
 e à noite a horas mortas
 na avenida passear.
 Hoje quase nem conheço
 as ruas onde morava
 ser moderna tem seu preço
 ninguém vive descansada
 Martim Moniz, Mouraria
 Rua da Palma Alegrete
 São lugares onde vivia
 hoje tudo está diferente
 Hoje sair à noitinha
 É andar preocupado
 saindo de ti Lisboa
 da Lisboa do passado.

Amorinda Matos

Ideias Soltas

Estes versos eu os faço
 Para que não fiques triste:
 Contigo, casei um dia
 Mas em outra eu não caía.

Ó menino Fernandinho
 Ó Fernando de Buhões
 És o nosso Santo António
 Estás em nossos corações.

Nossos corações mimados
 Por ti, ó meu Santo António
 Serão sempre abençoados,
 Porque são teu património.

E tu és meu bem-amado
 Minha fé e meu marido
 E para o seres de verdade
 Santo António é contigo.

Autora: Lila



Para recordar...

**Quem não se lem-
bra!**

As Marchas Populares em Lisboa

Foi uma Ideia de Leitão de Barros, as primeiras Marchas saíram do Famoso Parque Mayer (espaço constituído por 4 Teatros e diversões).

As Marchas Populares de Lisboa formam-se por Bairros sendo que os bairros mais históricos e mais populares são os que aderiram logo de início e ainda hoje desfilam, exemplo disso são os Bairros de Alfama, Alto do Pina, Mouraria, Madragoa e tantos outros.

O que São as Marchas e como é constituída uma Marcha?

As Marchas Populares são uma Tradição de Lisboa e desfilam anualmente pela Avenida da Liberdade (uma das maiores e mais bonitas Avenidas da Cidade) na Noite de Santo António, ou seja desfilam de 12 para 13 de Junho.

A Noite de Santo António é a maior festa da Cidade, o Povo sai todo para a Rua para ver as Marchas e o seu bairro de eleição e pelos bairros mais populares existem Arraiais, Bailaricos, Sardinha assada e Manjericos.

Desfilam anualmente pela Avenida cerca de 20 Bairros, sendo que a concurso vão apenas 18 os outros dois são a Marcha Infantil da Voz do Operário (uma famosa escola de Lisboa) e a Marcha dos Mercados (que reúne vários vendedores dos Mercados da Cidade)

Antes do Desfile pela Avenida há uma apresentação repartida por três dias no Pavilhão Meo Arena, quer no Pavilhão quer na Avenida os bairros são apreciados por um Júri que os avalia e que no dia de Santo António Anuncia a Marcha Vencedora, esse Júri é constituído por entendidos em Musica, Letras, Canto, Coreografias, Figurinos e Cenografia.

Uma Marcha é constituída por 48 Marchantes em 24 pares (um Homem e uma Mulher) e ainda dois marchantes suplentes, um Cavalinho de 6 a 8 elementos (Músicos que acompanham a marcha com musica ao vivo), Dois Aguadeiros (que dão assistência aos Marchantes durante os desfiles).

A Marcha tem um Coreógrafo que ensaia as Danças (são quatro danças diferentes aproximadamente com 5 Minutos cada uma), um Figurinista (que desenha os Fatos) um Cenógrafo (que desenha os Arcos)

A Camara Municipal de Lisboa que dá um Subsidio a uma coletividade de cada bairro para organizar este evento, anualmente apresenta Três temas de que todos os Bairros têm que apresentar em Cantigas ou Figurinos

Por exemplo: O Aniversário da Morte de Camões, O Fado, O Aniversário da Ponte 25 de Abril...

Cada Bairro tem OBRIGATORIAMENTE que ter um Tema Cantado ou os Figurinos Alusivos a uma das propostas da Camara.



Depois toda a Marcha pode contar a História do seu Bairro, outro exemplo:

Em 2012 a Marcha do Alto Pina tinha um Tema sobre os Ciganos que em Séculos Passados foram habitantes do Bairro.

Todas as Marchas são apadrinhadas por figuras públicas, Actores, Fadistas, Locutores etc., etc...

São os Padrinhos que vêm à Frente da Marchas espalhando a alegria de cada Bairro, atrás deles o Porta Estandarte que trás a Bandeira da Coletividade ou Associação responsável pela organização de Cada Marcha e por fim os Marchantes com os Seus arcos, figurinos e os Músicos que os acompanham.

Falar de Marchas Populares de Lisboa, tem que se falar obrigatoriamente de Carlos Mendonça um Homem que desde o início dos anos 80 até 2015 foi o maior vencedor de prémios das Marchas, Levando a Marcha de Alfama à Vitoria durante 20 vezes e também duas Vitórias ao Bairro do Alto do Pina.

Carlos Mendonça foi um inovador das Marchas trazendo para as mesmas Novos Figurinos com mais cor, alegria e brilho, trouxe também novas coreografias, inovou também os Padrinhos envergando-lhes guarda-roupa igual aos Marchantes levando os outros Bairros a fazerem os mesmo, inovou também os desenhos dos arcos quebrando o típico arco com festão e balões.

Tudo isto sem tirar a verdadeira tradição do que são as Marchas desde o seu inicio em 1932.

A ele se deve toda uma “Revolução” de modernismo que as marchas tiveram para melhor e que obrigaram os outros bairros também a progredir.

O Carlos Mendonça era um Homem/Espectáculo, Foi Bailarino Clássico, mais tarde foi também Bailarino no Teatro de Revista, Foi Actor, Produtor, Autor de Textos e Poemas, Cenógrafo, Figurinista e coreógrafo.

Esteve Ligado às Marchas durante 25 anos iniciando-se no Bairro Alto, estando 20 anos em Alfama e três anos no Alto do Pina.

Faleceu no dia 6 de Setembro de 2016 deixando o Mundo do Espectáculo muito mais Pobre e as Marchas também.

Resta-me ainda dizer que todos os marchantes desfilam gratuitamente mas em defesa do seu bairro, que a Marcha vencedora recebe um prémio em dinheiro (que é entregue à associação que organiza)

Eu tive a grata Felicidade de desfilarmos na Marcha Popular do Bairro de S. Vicente em 1996 ficando em 2º Lugar e em 2013 desfilei pelo Alto do Pina obtendo um outro 2º Lugar

Em 2012 tive a Honra de apadrinhar a Marcha do Alto do Pina, fazendo uma viagem e exibição em Macau pelas festas da entrega de Macau à China

Vivam as Marchas Populares!

Miguel Villa

Quem te viu e quem te vê

Há 11 anos que vivo na Casa do Artista, eras tu um caramanchão que começava a desabrochar e já se adivinhava que irias ser um dos recantos mais bonitos deste lindo jardim.

Para lá iam muitos Residentes conversar e até a grande pianista que faleceu cá Nella Maisa, e que tive o privilégio de ter como amiga, que adorava ir para lá. Chegou a fazer lanches festivos no caramanchão.

Pouco tempo depois veio um casal de melros. Gostaram tanto, que fizeram ali o seu ninho e tiveram os filhotes lá. E assim acontecia. Na altura, de acasalarem vinham até que viram que já não estava tão bem tratado e hoje existe uma família enorme de melros que ficam na estrela, onde repousam as cinzas do nosso Armando Cortez, e dão-nos umas autênticas serenatas. São um encanto. Mas tu caramanchão foste desprezado. Já perguntei e disseram-me que o jardineiro não se preocupa contigo.

Senhor jardineiro, por favor olhe pelo caramanchão, ele merece voltar a ser o orgulho deste jardim. Enfeitas-te quando estás florido, mas passado esse tempo olha-se e parece o túnel da estação do Rossio, de quando lá passava e via tudo escuro. Pode ser que com o tempo, o do Rossio já tenha luz, mas este só se for desbastado.

Gosto muito de ti e penso que com este desabafo vais voltar a brilhar.

Autora: Nini Remartinez

Branca de neve não teve tanta sorte assim



A vida é curta... sorria !!!

PROPRIEDADE: APOIARTE — CASA DO ARTISTA

Estrada da Pontinha, 7
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890
Fax: 217110898
Correio eletrónico:
geral@casadoartista.net

www.casadoartista.net

A APOIARTE/CASA DO ARTISTA—Associação de Apoio aos Artistas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), destinada a apoiar e dignificar aqueles que exerçam ou tenham exercido funções relacionadas com a atividade do espetáculo nas áreas das artes cénicas, da televisão, do cinema e da rádio.

A Residência, o Teatro Armando Cortez, a Galeria Raul Solnado e o Centro de Formação constituem as várias valências de apoio e desenvolvimento dos objetivos definidos na sua génese. Abrangida pela Lei do Mecenato Cultural, tem contado com vários apoios que, de algum modo, nos têm ajudado a contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos os residentes nesta Casa do Artista.



Agenda Cultural

Na sala Beatriz Costa:

- Atuação do “Grupo Vozes do Estoril—Música Popular”, no dia 6 de Julho 2017 (quinta-feira), às 15 horas;
- Apresentação do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, no dia 7 de Julho 2017 (sexta-feira), às 15 horas;
- Atuação dos grupos Improviso e Fados de Coimbra do CUTLA (Clube Universitário Tempo Livre da Amadora), no dia 11 de Julho 2017 (terça-feira), às 15 horas;
- Apresentação do projeto literário “Cá entre Nós Brasil & Portugal”, com a jornalista Thais Matarazzo e do actor e historiador de teatro Miguel Villa, no dia 14 de Julho 2017 (sexta-feira), às 15 horas;
- Atuação do Coro Curpi Santo Contestável da Associação de Pensionistas de Campo de Ourique, no dia 19 de Julho 2017 (quarta-feira), às 15 horas;
- Dinamização de um ateliê de pintura intitulado “Eu e Tu, Somos Cor e Forma”, no dia 20 de Julho 2017 (quinta-feira), durante a tarde;
- Fados com o fadista Rui Ferreira, acompanhado por Manuel Gomes à guitarra portuguesa e por Fernando Gomes à viola de fado, no dia 26 de Julho 2017 (quarta-feira).

No Teatro Armando Cortez:

- A Yellow Star Company apresenta o espetáculo “Os 39 Degraus”, com encenação de Cláudio Hochman, com a participação de Rita Pereira, João Didelet, Martinho Silva e Pedro Pernas, do dia 22 de Junho a 9 de Julho 2017.
- Teatro da Terra apresenta “A Bilha Quebrada” de 12 a 16 de Julho 2017.

Ficha Técnica

Edição e Coordenação:
Ricardo Madeira
(Animador Sociocultural)

Responsável pela Edição:
Conceição Carvalho

Revisão:
Fernando Tavares Marques